

7

Considerações Finais

Os visitantes se converteram nos atores imprescindíveis da cena museológica, atender suas necessidades e demandas passa a ser uma das atividades primordiais dos museus. Conhecer essas necessidades não é mais uma questão de instinto e intuição; implica, dada a expansão do campo de ação dos estudos sobre visitantes, empregar uma grande gama de instrumentos de investigação, métodos e atitudes destinados a transformar o museu em um espaço educativo onde a comunicação com o público tem a máxima prioridade (SCREWEN, 1993 *apud* Valente, 1995, p. 106).

Nesta pesquisa procurou-se conhecer quem são os professores que visitam museus com seus alunos, a partir da análise do capital cultural de Bourdieu (2010b) e dos usos que os mesmos fazem desse espaço através dos contextos de aprendizagem em museus de Falk e Dierking (2000). Para tal, foram pesquisados dez professores que visitaram o Museu da Geodiversidade no período de maio a setembro de 2012. A motivação para esta investigação veio da constatação trazida pela literatura referente à relação museu e escola de que os professores costumam ser apontados como um público frequente, porém nem sempre adequado às especificidades do espaço museal.

Muitas das críticas dirigidas aos docentes nessas visitas escolares se remetem a situações paradoxais: ou os professores são acusados de ir ao museu sem fazer uma utilização mais cultural e de lazer do local, ou seja, escolarizam os museus e o utilizam como apêndice da sala de aula; ou são acusados de irem aos museus apenas para passear, e se despreocupam do viés educativo do museu, muitas vezes desvinculando completamente a visita do contexto escolar. Independentemente da postura, no entanto, eles são mal vistos e condenados.

Vale pontuar, no entanto, que esta pesquisa não tomou uma postura em relação se os usos do espaço pelos professores são corretos ou incorretos, visto esta pesquisadora considerar que o viés educacional do museu é ainda uma área em formação e bastante recente no Brasil. E, que, a forma ideal de utilização dos museus não está bem delimitada e varia muito, conforme mostrado na revisão de literatura, de acordo com os interesses e objetivos de cada instituição museal.

Além disso, Trilla (2008) deixa claro que educação não formal não se conceitua pela metodologia utilizada nesses locais, mas, sim, pela sua independência de uma estrutura educativa graduada e hierarquizada orientada à outorga de títulos acadêmicos. Logo, usar o museu como espaço apenas para

cultura ou apenas para complementação de conteúdos escolares, não fere a concepção dessa modalidade educativa, se tornando, por conseguinte, uma questão de escolha que deveria ser tratada em conjunto por ambas as instituições educativas.

Este estudo se propõe, portanto, a tentar entender o porquê desse uso “inadequado” do espaço museal, tendo como hipótese que o “mau uso”, seja ele qual for, não decorre por falta de vontade ou interesse, mas por falta de habilidade para lidar com esses espaços. Daí a necessidade de se investigar o capital cultural dos docentes e a tentativa de relacioná-lo com as práticas, opiniões e usos dos professores, representados a partir dos contextos de aprendizagem em museus.

Os resultados trazidos por esta pesquisa nos evidenciam o que já era esperado: boa parte dos professores veio de camadas mais populares da sociedade, mas conseguiu ascender socialmente graças ao capital escolar acumulado de seus pais e os incentivos e investimentos dos mesmos para que obtivessem êxito na escolarização. Foi a partir dessa herança que conseguiram manter ou melhorar suas condições de vida, mesmo seguindo uma profissão com a qual, de modo geral, não sonharam e afirmam não estar satisfeitos, mas que lhe forneceram recursos para crescer economicamente.

No entanto, lhes foi pouco transmitido o capital cultural referente às práticas culturais de lazer e entretenimento prestigiadas socialmente e reconhecidas como a cultura legítima, nas quais se encontram os espaços culturais como teatros, bibliotecas, concertos e, no caso específico desta dissertação, os museus.

Bourdieu (2007b) afirma que a disposição e a habilidade para lidar com os espaços culturais, os quais são arbitrariamente escolhidos como a “Cultura”, não é um dom, mas sim fruto de aprendizado fornecido pela família em primeiro lugar, e pela escola em segundo, forjando o *habitus* que determinará a aptidão maior ou menor para a utilização desses locais.

Esta pesquisa deixou claro que os professores não foram, em sua maioria, educados e acostumados a frequentar tais espaços de práticas culturais clássicas, nem pelos seus pais, tampouco pelas escolas que estudaram, o que os enquadra como detentores de baixo capital incorporado, que é justamente o capital referente à socialização familiar e escolar.

Isso explica porque embora façam parte de um grupo com nível de instrução elevado, o qual costuma ser o público cativo desses lugares, eles não se tornaram

frequentadores e apreciadores dos museus. Todo o esforço familiar e escolar permitiu apenas a aquisição de capital cultural objetivado, na medida em que podem ter acesso aos bens materiais da cultura legítima; e institucionalizado, por possuírem diplomas e títulos que atestam o seu patrimônio cultural.

Os professores investigados demonstraram, como consequência desse baixo volume de capital cultural incorporado referente às práticas culturais, a pouca utilização dos museus como local para diversão nos seus horários livres, o que explica a primeira forma de má utilização apontada pelos profissionais dos museus. Eles não utilizam os museus com suas turmas como espaço de ampliação cultural porque, simplesmente, não o reconhecem como tal, não têm essa experiência, não foram ensinados de que esse uso era possível. Daí, costumam fazer o único uso que acreditam saber: o escolarizado.

Como a escola para eles serviu como estratégia de ascensão social, entre outras razões, eles consideram, em sua maioria, ser essa a função principal que eles têm para com seus alunos. Logo, as visitas escolares trazem a seu ver como função primeira acrescentar conhecimentos cognitivos, sendo a aprendizagem afetiva e cultural um ganho extra, portanto, dispensável.

No entanto, eles se esquecem de que sua função é também de formadores culturais, principalmente quando a família não consegue contemplar tal demanda. A escola, conforme nos mostra Bourdieu (2010a), é uma das responsáveis pela formação cultural do cidadão e deveria ter a função de potencializar os conhecimentos referentes à cultura exatamente para poder colocar em níveis iguais de aptidões os alunos de diferentes realidades sociais. Todavia, é o próprio autor que nos lembra de que a escola costuma ser ineficiente nessa missão.

A partir deste trabalho, pode-se inferir que uma das explicações para tal infrutífero êxito decorre da distância que os docentes também possuem desse universo cultural privilegiado, ao não conseguirem ensinar aquilo que também não conhecem.

Para os professores pesquisados, a aproximação que ocorre entre eles e o museu é pautada na visão de complementaridade dos conteúdos escolares, sendo o museu tratado como um espaço para se trabalhar de forma prática e mais interessante do que na sala de aula. Ou seja, o aproveitamento do museu é bastante utilitário e escolarizado. Isso não significa necessariamente um problema para alguns museus, segundo apresentado na revisão de literatura, mas o mau uso

dessa escolarização dos museus aí sim seria de forma unânime inconveniente.

Os professores investigados, embora afirmem ser a visita escolar importantíssima para o trabalho deles e se considerarem satisfeitos com a relação museu X escola, apresentam uma postura que costuma ser bastante criticada em outros estudos que também tratam da relação professor e museu: nem sempre preparam os discentes para as idas aos museus, não tomam a liderança na visita, deixando a responsabilidade nas mãos dos mediadores (os quais consideram indispensáveis), e costumam ficar com uma postura passiva de que o museu vai fornecer a eles a parte prática que falta em sua aula. Também não vão ao museu antes para conhecer o espaço e preparar melhor essa “aula” extraescolar, vindo apenas no *site* o que o espaço tem a oferecer.

Para esses docentes, simplesmente levar os alunos a um local que trata de temas próximos aos que lecionam e dar aos discentes a possibilidade de ter contato prático e visual com tais assuntos já garantiria um aprendizado eficiente e de maior qualidade. E, a necessidade de visitar o museu antes seria perfeitamente sanada com a mediação que faria “o seu papel” de ensinar e transmitir conhecimentos.

Para além de se entrar aqui na discussão se essas posturas docentes são ou não corretas, pois mais uma vez é importante reforçar que essa não é a intenção desta pesquisa, o que se pretende mostrar é que, independente de qual seja a expectativa dos profissionais do museu, seja a de que os professores escolarizem ou não os museus, tais professores provavelmente não conseguirão atingir as metas museais, independente de quais elas forem.

Novamente, a explicação para esse uso limitado e impossibilidade de se adequar à participação almejada se dá pelo fato de que os professores não possuem conhecimento sobre o museu, nem enquanto espaço de lazer, como já dito, nem enquanto espaço de construção do conhecimento. Conforme apresentado por Marandino (2000) existe a chamada cultura museal, que, embora no caso dos museus históricos e científicos trate dos saberes de referência dessas áreas, os manifesta de forma outra, devido à passagem em mecanismos de transposição específicos que o configuram no saber museal.

Os professores pesquisados por não frequentarem museus como entretenimento e lazer, não criaram familiaridade com o saber museal, tendo dificuldade, portanto, de fazer uso mais independente do museu quando presentes

com seus alunos, por não compreender tal saber e tal cultura. Ainda que os temas trabalhados no museu sejam os mesmos estudados em suas graduações, a forma como são expostos, tratados e comunicados ao público são peculiares, e por isso mesmo não são apenas de ciência, artes ou história, mas antes de tudo museológicos.

Como será possível um professor ensinar a seu aluno sobre o conteúdo do espaço museal se esse mesmo docente não compreende aquele código, a forma comunicativa daquele espaço? Ainda que o professor visite a exposição antes, uma única visita pontual a um local para ver o que tem nele pode não ser suficiente para transmitir aos docentes a essência e particularidades da cultura museal. Portanto, o uso adequado de um museu, seja ele para lazer ou complementação escolar só poderá ser bem realizado se o professor dominar aquele cenário e aquela forma de expressão.

A importância exagerada que se dá ao mediador, muito além de representar falta de compromisso, indica dificuldade em dominar os conteúdos do museu, atribuindo a quem eles consideram mais capacitados essa missão. Afinal, se o maior público museal atual é o visitante escolar, não parece correto atribuir aos docentes falta de interesse ou compromisso, principalmente se levarmos em conta que eles possuem, como apresentado nesta pesquisa, alguns inibidores das visitas como a falta de transporte e até mesmo a falta de conhecimento sobre os espaços que existem e o que eles dispõem.

É importante destacar ainda que variáveis como gênero, idade e nível de ensino assim como o tipo de instituições nas quais os docentes se formaram não trouxeram diferenças nos resultados deste estudo. Isso tornou esse grupo, apesar dessas diferenças, bastante homogêneo no que se refere às percepções dos museus e volume e estrutura de capital cultural, tornando ainda mais preocupante esse cenário, e contrariando a hipótese inicial de que não haveria certa uniformidade no público docente em visitas a museus.

Se temos como resultado que os professores em geral não lidam bem com o espaço museal por falta de hábito e conhecimento, mas do que condená-los, é preciso tentar apontar soluções para a superação dessas dificuldades. A primeira delas seria, sem dúvida, uma melhor formação para os docentes principalmente no que se refere à educação não formal, de forma que essa instrução viesse a tentar superar ou amenizar o baixo capital cultural advindo da origem familiar.

Contudo, a formação oferecida pelos próprios espaços museais nos moldes que tem sido feitas, conforme visto na revisão de literatura, não parece ser a solução mais adequada. Afinal, varia muito o objetivo e expectativa da visita para cada instituição museal, e os conhecimentos aprendidos em cada curso parecem ser muito específicos em como lidar com aquela exposição em particular, não sendo voltados para um apreço e valoração das instituições culturais como um todo. Além disso, se para cada museu que o professor for visitar ele for obrigado a participar de cursos, a possibilidade dele não ter tempo ou interesse em participar dessas atividades pode ser bastante grande, o que dificultaria o acesso deles ao museu.

Sem dúvida, diminuir o acesso dos professores a esse espaço não parece nada conveniente, pois ainda que façam um uso inapropriado, é a visita escolar o propulsor do contato dos docentes com os espaços culturais como um todo, e principalmente com o museu. Então, criar muitas dificuldades para esse acesso afastaria os professores do único momento que conseguem estabelecer relação com tais instituições. Esse distanciamento afetaria não apenas o professor que continuaria se considerando incapaz de fazer uso daquele local, como também os alunos, que permaneceriam excluídos dessas oportunidades escolares de contato com instituições culturais, que por muitas vezes também são as únicas que possuem.

A solução talvez fosse uma melhor instrução sobre a educação não formal fruto de espaços culturais também nos locais de cultura, mas principalmente nas formações iniciais e continuadas formais dos docentes. Assim, eles conheceriam que embora a educação não formal não seja nenhuma panaceia (Trilla, 2008) apenas por ter características que permitem maior flexibilidade e liberdade de tempos, espaços e temáticas, ela poderia ser a possibilitadora não apenas de aprofundamento e contato empírico com os temas estudados na escola (fornecendo um desenvolvimento da cognição exclusivo da aprendizagem científica), mas também como um local para enriquecimento cultural e aquisição de cognição afetiva e cultural.

A partir desse conhecimento mais aprofundado e refletido sobre as práticas educativas não formais poderiam ser estabelecidas parcerias entre professores e museus que não ocorreriam somente no momento da visita, mas durante um tempo maior e de uma forma mais rica, dando inclusive a liberdade aos docentes

de estabelecer relação com aqueles locais culturais que fizessem a interação funcional mais adequada às demandas e necessidades dos dois espaços, sejam elas de complementação, substituição, colaboração ou interferência.

No entanto, enquanto essa possível solução não é aplicada para vermos seus efeitos, as respostas trazidas por este estudo propõe uma contribuição para o Museu da Geodiversidade em específico, e para todos os demais espaços culturais e museus que recebem o público escolar, que já pode ser tomada prontamente: a necessidade de não esperar um professor pronto e apto para o melhor aproveitamento da visita com seus alunos, mas um professor que muito mais do que ir para ensinar conteúdos, parece ir também para aprender os temas trabalhados nesses espaços, e principalmente, para aprender a lidar com tais locais, suas linguagens e potenciais.

Visto que a relação museu e escola é tão relevante para ambas as instituições, e que são os espaços culturais que dominam essa forma de comunicação, assim como são eles que se encontram, de modo geral, insatisfeitos com essa parceria, talvez caiba a essas instituições, principalmente as museais, reconhecerem que o professor real que visita os seus museus ainda não é aquele professor idealizado.

E que, tais espaços devem procurar identificar como podem ajudar na transformação desse professor, seja propondo parcerias com as universidades e secretarias de educação, ou se preocupando em conhecer melhor o público docente que o visita, o que este já sabe, o que espera desses locais, numa postura mais colaborativa e ampliadora da cultura geral, do que crítica e rigorosa mas exigências com as particularidades de cada espaço e/ou exposição.

Quem sabe assim, ambos os espaços se tornarão satisfeitos nessa associação e finalmente os professores deixarão de ser aos olhos dos profissionais e pesquisadores dos museus e espaços culturais aqueles que, na maioria das vezes ainda “só atrapalham”, e passarão a ser aqueles docentes que quase sempre enriquecem e ajudam a transformar a relação museu e escola em um diálogo profícuo e rico para todos.